

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

O jogador

(Das memórias de um jovem)

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Rubens Figueiredo
Copyright da introdução © 2005 by Adrian Poole

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Игрок

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Ana Maria Barbosa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dostoiévski, Fiódor, 1821-1881.

O jogador : (Das memórias de um jovem) / Fiódor Dostoiévski ; tradução, apresentação e notas de Rubens Figueiredo. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Игрок.

ISBN 978-85-8285-064-0

1. Ficção russa. I. Figueiredo, Rubens II. Título.

17-08104

CDD-891.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura russa 891.7

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Nota da edição

Original usado para esta tradução: Ф. М. Достоевский. *Собрание сочинений в 15 томах*. Ленинград: Наука, 1988-1996. т. 4. (F. M. Dostoiévski. *Obras reunidas em 15 volumes*. Leningrado: Naúka, 1988-96. v. 4.)

Sumário

Apresentação — Rubens Figueiredo	9
O JOGADOR	15

I

Voltei, finalmente, depois de duas semanas de ausência. Já fazia três dias que os nossos tinham chegado a Roletemburgo. Achei que eles estariam morrendo de vontade de me ver, só que me enganei. O general olhou para mim com um ar de independência fora do comum, falou comigo de modo arrogante e logo me deixou com a irmã. Ficou claro que eles tinham arranjado dinheiro em algum lugar. Tive até a impressão de que o general sentia um pouco de vergonha de me olhar. Maria Filíppovna estava muito atarefada e falou um pouquinho só comigo; o dinheiro, porém, ela pegou, contou, e escutou meu relato até o fim. Para o almoço, esperavam Mezentsóv, o francesinho e mais um inglês: como de praxe, se há dinheiro, você logo é convidado para almoçar, à maneira moscovita. Assim que me viu, Polina Aleksándrovna perguntou por que demorei tanto e, sem esperar a resposta, foi não sei para onde. Não há dúvida de que fez isso de propósito. No entanto, nós dois precisamos ter uma conversa. Há muita coisa acumulada.

Levaram-me para um aposento pequeno, no quarto andar do hotel. Por aqui, todos sabem que pertencço à *comitiva do general*. Está mais do que claro que eles souberam chamar a atenção. O general é tido, aqui, como um riquíssimo magnata russo. Antes mesmo do almoço, entre várias outras missões, ele me deu duas notas de mil francos para

trocar. Troquei as notas no escritório do hotel. Agora, vão olhar para nós como se fôssemos milionários, pelo menos por uma semana inteira. Eu queria pegar Micha e Nádia e ir passear com eles, mas da escada me chamaram para ir ao quarto do general; ele achou por bem que seu papel era me perguntar aonde eu iria levá-los. Decididamente, esse homem não consegue me olhar nos olhos; bem que ele gostaria, e muito, mas eu sempre reajo com um olhar tão fixo, ou seja, tão petulante, que ele parece ficar desconcertado. Num linguajar todo empolado, amontoando uma frase em cima da outra e acabando por se enrolar todo, ele me deu a entender que queria que eu fosse passear com as crianças em algum lugar no parque, longe do cassino. Acabou ficando muito irritado e acrescentou, de maneira brusca:

— Senão, é bem provável que o senhor leve-os ao cassino, para a roleta. O senhor me desculpe — acrescentou —, mas sei que o senhor é bastante leviano, é bem capaz de querer jogar. Em todo caso, apesar de eu não ser seu mentor, aliás, nem tenho vontade de assumir esse papel, mas pelo menos tenho o direito de desejar que o senhor, por assim dizer, veja lá, não me comprometa...

— Pois é, só que não tenho dinheiro — respondi, calmamente —, e para perder, é preciso ter algum.

— O senhor vai recebê-lo sem demora — respondeu o general, um pouco ruborizado, remexeu sua escrivaniinha, consultou uma caderneta e constatou que ainda me devia cerca de cento e vinte rublos.

“Puxa, vamos fazer essas contas — começou a dizer. — É preciso converter em táleres. Pronto, tome aqui cem táleres, para arredondar... o resto, é claro, não vai se perder.”

Peguei o dinheiro, em silêncio.

— O senhor, por favor, não se ofenda com minhas palavras, o senhor é tão suscetível... Se fiz ver ao senhor, quer dizer, se eu, por assim dizer, preveni o senhor, e aliás, sem dúvida, tenho certo direito de fazer isso...

Quando voltei com as crianças, antes do almoço, deparei com uma grande cavalgada. Os nossos iam visitar sei lá que ruínas. Duas caleches magníficas, cavalos majestosos! Numa caleche, Mlle. Blanche, Maria Filíppovna e Polina; a cavalo, o francesinho, o inglês e nosso general. Os passantes se detinham e olhavam; produziu-se um efeito; só que aquilo não ia acabar bem para o general. Calculei que, somando os quatro mil francos que eu trouxe com o que eles, obviamente, conseguiram arranjar, tínhamos agora sete ou oito mil francos; para Mlle. Blanche, era muito pouco.

Mlle. Blanche está hospedada em nosso hotel, junto com a mãe; ali também está nosso francesinho. Os criados o chamam de *monsieur le comte*,* a mãe de Mlle. Blanche é chamada de *madame la comtesse*** no final, quem sabe, talvez sejam mesmo *comte et comtesse*.

Eu sabia, também, que *monsieur le comte* não ia me reconhecer, quando nos encontrássemos para o almoço. Naturalmente, o general nem chegou a pensar em nos apresentar ou sequer em me recomendar a ele; mas o próprio *monsieur le comte* já morou na Rússia e sabe que o que chamam de *outchitel**** é um passarinho insignificante. Aliás, ele me conhece muito bem. Mas, confesso, fui ao almoço sem ser convidado; parece que o general se esqueceu de dar as ordens, senão, com certeza, me mandaria almoçar na *table d'hôte*.**** Compareci por conta própria, tanto assim que o general me olhou com ar descontente. A bondosa Maria Filíppovna logo me indicou um lugar; mas

* “Senhor conde.” (Em francês, no original, como nas demais notas traduzidas, exceto se houver indicação contrária.)

** “Senhora condessa.”

*** Transliteração para o francês da palavra russa para “professor”.

**** Mesa comum dos hóspedes, a preço fixo e de cardápio limitado.

o encontro com Mr. Astley me ajudou e, embora a contragosto, acabei me vendo integrado ao grupo.

Esse inglês estranho, a primeira vez que o vi foi na Prússia, num vagão de trem, onde ficamos sentados de frente um para o outro, quando eu estava viajando ao encontro dos nossos; depois, esbarrei com ele quando estive na França e, por último, na Suíça; ao longo dessas duas semanas, eu o vi duas vezes, e agora, de repente, o encontro já em Roletemburgo. Nunca na vida conheci pessoa mais tímida; sua timidez beira a tolice e, claro, ele próprio sabe disso, pois de tolo não tem nada. De resto, é muito gentil e sossegado. Eu o forcei a travar conversa comigo, no primeiro encontro, na Prússia. E ele me comunicou que, nesse verão, esteve no cabo Norte* e que desejava muito ir à feira de Níjni Nóvgorod. Não sei como ele conheceu o general; acho que está perdidamente apaixonado por Polina. Quando Polina entrou, ele se fez rubro como um clarão. Ficou muito contente por eu ter sentado a seu lado, à mesa, e parece que já me considera seu amigo íntimo.

Na conversa à mesa, o francesinho se pavoneou de maneira incrível; com todos, se mostrou esnobe e superior. Em Moscou, me lembro de seu palavrório, falava como quem solta bolhas de sabão. Dizia coisas espantosas sobre finanças e política russa. O general, às vezes, arriscava discordar, mas humildemente, apenas na medida exata para não comprometer seu prestígio em definitivo.

Eu me encontrava num estado de espírito estranho; claro, antes de o almoço chegar à metade, eu já havia feito a mim mesmo minha pergunta de costume e de sempre: por que fico jogando meu tempo fora com esse general e não me livrei dele antes? De vez em quando, eu dava uma olhada para Polina Aleksándrovna; ela não prestava a menor atenção. O resultado foi que acabei me enfurecendo e decidi ser grosseiro.

* Situado na Noruega, na ilha Magerøya.

Começou que, de repente, sem mais nem menos, eu me metia na conversa dos outros, em voz bem alta e sem ser chamado. Acima de tudo, eu tinha vontade de brigar com o francesinho e parece que, depois de cortar uma fala sua, comentei que, neste verão, era quase impossível, para os russos, jantar nas *tables d'hôtes*, nos hotéis. O general me dirigiu um olhar espantado.

— Se o senhor for um homem que respeita a si mesmo — fui mais fundo ainda —, não vão faltar oportunidades para receber xingamentos, e o senhor vai ter de suportar insultos extraordinários. Em Paris e no Reno, até na Suíça, nas *tables d'hôtes*, há tantos polaquinhos, e francesinhos simpatizantes deles, que não existe nenhuma possibilidade de pronunciar qualquer palavra, se o senhor por acaso for russo.

Falei isso em francês. O general olhou para mim com perplexidade, sem saber se ficava irritado ou apenas assombrado por eu ser tão inconveniente.

— Quer dizer que alguém, em algum lugar, deu uma lição ao senhor — disse o francesinho, em tom esnobe e desdenhoso.

— Em Paris, eu até comecei a discutir com um polonês — respondi. — Depois, com um oficial francês que apoiou o polonês. Mas aí uma parte dos franceses passou para o meu lado, quando contei para eles que eu quis cuspir no café do monsenhor.

— Cuspir? — perguntou o general, com espanto presunçoso, e chegou a olhar à sua volta. O francesinho me lançou um olhar desconfiado.

— Exatamente, cavalheiro — respondi. — Pois durante dois dias estive convencido de que era necessário, quem sabe, dar um pulinho em Roma para resolver o nosso negócio, por isso fui à embaixada do Santo Padre em Paris, a fim de obter o visto no passaporte. Lá, fui recebido por um abadezinho, de uns cinquenta anos, ressecado e com cara de gelo, e depois de me ouvir com educação, mas com

extraordinária segura, me pediu que esperasse. Eu bem que tinha pressa, mas, é claro, sentei e esperei, peguei um *Opinion Nationale** e comecei a ler xingamentos terríveis contra a Rússia. Nisso, ouvi que, na sala vizinha, alguém entrou para falar com o monsenhor; vi meu abade fazer uma reverência. Repeti ao abade meu pedido anterior; ele, ainda mais seco, me pediu mais uma vez para esperar. Pouco depois, entrou mais um desconhecido, para tratar de negócios — um austríaco —, escutaram até o fim o que ele tinha a dizer e logo o conduziram para o primeiro andar. Aí, fiquei muito irritado; levantei, cheguei perto do abade e disse, em tom decidido, que, como o monsenhor estava recebendo, podia me atender também. De repente, o abade deu um passo para trás, com uma surpresa extraordinária. Para ele, era simplesmente incompreensível que um russo insignificante pudesse ter o atrevimento de se pôr em pé de igualdade com os convidados do monsenhor. No tom mais petulante, e como se ele se alegrasse por poder me insultar, o abade me olhou bem, dos pés à cabeça, e exclamou: “Será possível que o senhor acha que o monsenhor vai largar seu café por sua causa?”. Aí também comecei a gritar, só que mais forte do que ele: “Pois fique sabendo que eu cuspo no café do seu monsenhor! Se o senhor não resolver neste minuto a questão do meu passaporte, irei eu mesmo falar com ele”.

“O quê? Logo agora que ele está com o cardeal!”, berrou o abade, afastando-se de mim com horror, se postou na frente da porta e abriu os braços em cruz, dando a entender que preferia morrer a me deixar passar.

“Foi então que respondi para ele que sou herético e bárbaro, *‘que je suis hérétique et barbare’*, e que, para mim, todos esses arcebispos, cardeais, monsenhores etc. etc. são a mesma coisa que nada. Em suma, mostrei que

* Jornal francês fundado em 1859, de linha republicana, tido como progressista e anticlerical.

não ia arredar pé. O abade olhou para mim com um rancor infinito, em seguida puxou o passaporte de minhas mãos e levou-o ao primeiro andar. Um minuto depois, eu já estava com o visto. ‘Aqui está, senhor, não quer olhar?’ Peguei o passaporte e mostrei o visto romano.”

— Mas então, o senhor, de fato... — tentou começar o general.

— O que salvou o senhor foi declarar-se bárbaro e herético — comentou o francesinho, rindo. — *Cela n’était pas si bête.**

— Mas, também, quem é que aguenta olhar para os nossos russos? Eles ficam aqui sentadinhos, não se atrevem nem a espiar, e estão dispostos, talvez, a negar que são russos. Pelo menos em Paris, no meu hotel, começaram a me tratar com muito mais atenção depois que contei a todos a respeito da minha briga com o abade. Um nobre polonês gordo, o que se mostrava mais hostil comigo na *table d’hôte*, acabou ficando em segundo plano. Os franceses suportaram muito bem, mesmo quando contei que, há dois anos, conheci um homem em quem um soldado francês deu um tiro, em 1812,** só para descarregar seu fuzil. Quando o caso ocorreu, esse homem era um menino de dez anos, e sua família não teve tempo de fugir de Moscou.

— Isso não pode ter acontecido — gritou esganiçado o francês —, um soldado francês não atira numa criança!

— No entanto, aconteceu — retruquei. — Quem me contou foi um respeitável capitão da reserva, e eu mesmo vi a cicatriz da bala na sua bochecha.

O francês começou a falar muito e depressa. O general tratou de lhe dar apoio, mas eu logo recomendei que lesse bem lido, por exemplo, trechos das *Memórias* do general Peróvski, que em 1812 foi prisioneiro dos

* “Não foi tão tolo assim.”

** Ano em que Napoleão invadiu a Rússia.

franceses. Por fim, Maria Filíppovna falou alguma coisa para desviar o rumo da conversa. O general ficou muito descontente comigo, porque eu e o francês já estávamos quase começando a berrar. Mas parece que Mr. Astley gostou muito da minha discussão com o francês; levantou-se da mesa e me convidou para beber um cálice de vinho com ele. À noite, como era de esperar, consegui conversar quinze minutos com Polina Aleksándrovna. Nossa conversa se deu durante um passeio. Todos seguiram pelo parque, em direção ao cassino. Polina sentou-se num banco diante de um chafariz e deixou Nádienka ir brincar com as crianças, sem se afastar muito. Eu também deixei Micha ir até o chafariz e, enfim, ficamos os dois a sós.

De início, é claro, falamos de negócios. Polina irritou-se um pouco quando lhe entreguei, ao todo, apenas setecentos florins austríacos. Estava convencida de que eu iria lhe trazer de Paris pelo menos dois mil florins austríacos, ou até mais, pela penhora de seus diamantes.

— Preciso de dinheiro a todo custo — disse —, e tenho de arranjar logo; caso contrário, estou perdida.

Tratei de perguntar o que havia acontecido na minha ausência.

— Nada demais, só que chegaram duas notícias de Petersburgo: primeiro, que vovó estava muito mal e que, dois dias depois, ao que parece, ela morreu. Essa notícia foi dada por Timofiéi Petróvitch — acrescentou Polina —, e ele é um homem correto. Estamos esperando a última notícia, a definitiva.

— Mas, então, todos aqui estão à espera? — perguntei.

— Claro: tudo e todos; faz meio ano completo que estão à espera disso e de mais nada.

— E a senhora também? — perguntei.

— Veja, na verdade, não sou parente dela, sou apenas enteada do general. Mas sei, com certeza, que ela se lembrou de mim no testamento.

— Acho que a senhora vai ficar com muita coisa — disse eu, taxativo.

— Sim, ela gostava de mim; mas por que o *senhor* acha isso?

— Diga-me — respondi com outra pergunta —, o nosso marquês, pelo visto, também está a par de todos os segredos da família, não é?

— Mas por que o senhor está interessado nisso? — perguntou Polina, e olhou para mim com ar duro e seco.

— E por que não? Se não me engano, o general já encontrou ocasião de pedir dinheiro emprestado ao marquês.

— O senhor adivinhou muito bem.

— Pois é, e como ele daria dinheiro ao general, se não soubesse a respeito da avó? A senhora deve ter notado, à mesa: ele falou da vovó três vezes, chamou-a de vovozinha: “*la baboulinka*”.* Que relações íntimas e amigáveis!

— Sim, tem razão. Assim que ele soube que me caberia alguma coisa em testamento, veio logo me pedir a mão. Não era isso que o senhor queria saber?

— Só pediu sua mão agora? Achei que tivesse pedido há muito tempo.

— O senhor sabe perfeitamente que não! — disse Polina, com raiva. — Mas onde foi que o senhor conheceu esse inglês? — acrescentou, após um minuto de silêncio.

— Eu já sabia que logo, logo a senhora ia me fazer essa pergunta.

Contei para ela meus primeiros encontros com Mr. Astley, na viagem.

— Ele é tímido e amoroso e, naturalmente, já está apaixonado pela senhora, não é?

— Sim, está apaixonado por mim — respondeu Polina.

— Além do mais, naturalmente, é dez vezes mais rico

* Transliteração francesa de uma forma afetuosa para a palavra “avó”, em russo.

que o francês. Aliás, será que o francês possui, de fato, alguma coisa? Isso não é duvidoso?

— Não. Ele tem um *château*.^{*} Ontem mesmo, o general me falou sobre isso, com segurança. E agora, o senhor está satisfeito?

— Pois eu, em seu lugar, me casaria logo com o inglês.

— Por quê? — perguntou Polina.

— O francês é mais bonito, só que é mais desprezível; e o inglês, além de mais digno, é também dez vezes mais rico — arrematei.

— É. Mas, em compensação, o francês é um marquês e é mais inteligente — retrucou Polina, da maneira mais tranquila.

— Será mesmo verdade? — prossegui como antes.

— Sim, não há dúvida.

Minhas perguntas desagradavam horrivelmente a Polina, e eu via que ela queria me deixar furioso com o tom e a brutalidade de sua resposta; na mesma hora, falei sobre isso.

— Pois é, na verdade me diverte ver o senhor se irritar. Afinal, o senhor deve me recompensar de algum modo, por eu permitir que me faça essas perguntas e conjecturas.

— Na verdade, eu me considero no direito de fazer qualquer pergunta — respondi, tranquilo —, justamente porque estou disposto a pagar por elas a recompensa que a senhora desejar e porque considero que minha vida não vale mesmo nada.

Polina deu uma risada.

— Na última vez em que estive comigo, em Schlangenberg, o senhor disse, a uma única palavra minha, que estava disposto a atirar-se de cabeça lá de cima, e a altura parece ser de mil pés. Pois um dia vou pronunciar essa palavra, só para ver se o senhor vai cumprir o prometido, e pode ter certeza de que vou mostrar um caráter bem rigoroso. Detesto o senhor, justamente porque lhe fiz tantas concessões, e

* Castelo.

detesto mais ainda porque eu preciso muito do senhor. Porém, enquanto eu precisar do senhor, vou ter de protegê-lo.

Polina começou a levantar-se. Falava com irritação. Nos últimos tempos, ela sempre terminava nossas conversas com rancor e irritação, e o rancor era verdadeiro.

— Desculpe perguntar, mas quem é essa Mlle. Blanche? — indaguei, para não deixar Polina ir embora sem uma explicação.

— O senhor sabe muito bem quem é Mlle. Blanche. Não surgiu nada de novo, desde que o senhor partiu. Mlle. Blanche, com toda a certeza, vai casar com o general... claro, se os rumores sobre o falecimento da vovó se confirmarem, porque também a Mlle. Blanche, como sua mãe e seu primo de segundo grau, o marquês, enfim, todos sabem muito bem que nós estamos arruinados.

— E o general está perdidamente apaixonado?

— Agora, não se trata disso. Escute bem e lembre: tome estes setecentos florins italianos aqui e vá jogar, ganhe para mim, na roleta, o máximo que puder; agora, estou precisando muito de dinheiro, a qualquer custo.

Dito isso, ela chamou Nádienka e seguiu para o cassino, onde encontrou todo o nosso grupo. Já eu tomei a primeira vereda que apareceu à esquerda, pensativo e admirado. A ordem para eu ir jogar na roleta me deu a sensação de uma pancada na cabeça. Que estranho: eu tinha tantas coisas para me preocupar e, em vez disso, eu me afundava na análise das impressões dos meus sentimentos em relação a Polina. Na verdade, nessas duas semanas de ausência, foi mais fácil para mim do que está sendo agora, no dia de meu regresso, embora na viagem eu tenha sofrido como um louco de tanta saudade, tenha andado para lá e para cá, como se algo me queimasse, e até em sonhos, a todo momento, eu a via na minha frente. Certa vez (aconteceu na Suíça), peguei no sono no trem e parece que falei em voz alta com Polina, o que fez rir todos os passageiros que viajavam comigo. E mais uma vez, agora,

me fiz a pergunta: será que eu a amo? E, mais uma vez, não fui capaz de responder, ou seja, melhor dizendo, de novo, pela centésima vez, respondi para mim mesmo que eu a odeio. Sim, eu a achei detestável. Há momentos (exatamente, toda vez, no final de nossas conversas) em que eu daria metade da minha vida para estrangular Polina! Juro, se houvesse a possibilidade de enfiar no seu peito, bem devagar, uma faca afiada, eu, é o que me parece, empunharia essa faca com satisfação. Entretanto, juro, por tudo o que há de sagrado, que se em Schlangenberg, nessa *pointe** tão na moda, ela de fato me dissesse: “se jogue lá embaixo”, eu me jogaria na mesma hora, e até com satisfação. Sei disso. De um modo ou de outro, a questão teria de ser resolvida. Tudo isso, Polina compreendia de forma admirável, e a ideia de que tenho inteira certeza e clara consciência de que ela é inacessível para mim, de que é absolutamente impossível a realização de minhas fantasias — essa ideia, estou convencido, lhe proporciona um prazer extraordinário; do contrário, como é que ela, cautelosa e inteligente como é, poderia se permitir tantas intimidades e franquezas comigo? Parece-me que, até agora, ela olhava para mim como uma imperatriz da Antiguidade que se despia na frente de seu escravo, pois não o considerava um ser humano. Sim, muitas vezes ela não me considerava um ser humano...

No entanto, afinal, ela havia me incumbido de uma missão: ganhar na roleta, a todo custo. Eu nem tive tempo de analisar para que e com que rapidez era preciso ganhar, e que novas reflexões estariam brotando naquela cabeça que não parava de fazer contas. Além do mais, nessas duas semanas, obviamente, havia se acumulado uma profusão de fatos novos, dos quais eu ainda não tinha noção. Tudo isso, era preciso adivinhar, depreender, e o mais rápido possível. Mas agora, por enquanto, eu não tinha tempo: precisava tomar a direção da roleta.

* Ponta, pico.

II

Confesso, foi desagradável para mim; apesar de eu já ter decidido que ia jogar, não imaginava, de maneira nenhuma, que ia começar jogando para terceiros. Isso até me fez perder um pouco a cabeça e entrei nos salões de jogos com um sentimento de grande desgosto. Lá, ao primeiro olhar, tudo me desagradou. Não consigo suportar o servilismo das matérias de jornal do mundo inteiro, principalmente em nossos jornais russos, nos quais, quase toda primavera, nossos jornalistas falam de duas coisas: primeiro, o esplendor e o luxo extraordinário dos salões de jogos nas cidades da roleta no Reno; em segundo lugar, as pilhas de ouro que, pelo que dizem, são depositadas nas mesas. Vejam, eles não são pagos para dizer isso; escrevem assim pura e simplesmente por subserviência desinteressada. Não existe nenhum esplendor nesses salões vagabundos e, quanto ao ouro, não só não existem pilhas sobre as mesas como, na verdade, é raro ver qualquer ouro. É claro que, de vez em quando, no decorrer da temporada, aparece de repente algum excêntrico, um inglês ou um asiático qualquer, um turco, como neste verão, e de súbito ele perde ou ganha muito; todos os outros não jogam mais do que uns minguados florins austríacos e, no geral, há sempre muito pouco dinheiro em cima da mesa. Assim que entrei no salão de jogo (pela primeira vez na vida), demorei um tempo para me decidir se jogava ou

não. Além do mais, a multidão me espremia. Mas ainda que eu estivesse sozinho, acho que eu também sairia logo dali, sem sequer começar a jogar. Confesso, meu coração martelava e perdi o sangue-frio; eu sabia com segurança e fazia muito tempo que tinha resolvido que não sairia de Roletemburgo desse jeito; algo definitivo e radical tinha, por força, de acontecer em meu destino. Assim tem de ser e será. Por mais ridículo que seja eu ter esperado obter tantas coisas da roleta, me parece ainda mais ridícula a opinião rotineira, aceita por todos, de que é tolice e absurdo esperar alguma coisa do jogo. E por que o jogo é pior do que qualquer outro meio de ganhar dinheiro, por exemplo, digamos, o comércio? É verdade que, de cem que jogam, só um ganha. Mas o que é que eu tenho a ver com isso?

De todo modo, decidi observar bem, no início, e não começar nada de sério nessa noite. Se acontecesse algo nessa noite, seria por acaso, uma coisa de momento — foi o que imaginei. Além do mais, eu precisava aprender como era o jogo; porque, apesar dos milhares de descrições de roletas que eu lia sempre com certa cobiça, não conseguiria entender nada de seu funcionamento antes de ver uma roleta de perto.

De saída, tudo me pareceu tão sórdido quanto moralmente perverso e indecente. Não vou, de jeito nenhum, falar das pessoas gananciosas e perturbadas que, às dezenas, e até às centenas, rodeiam as mesas de jogo. Com franqueza, não vejo nada de sórdido no desejo de ganhar mais, e mais depressa; sempre achei muito tola a ideia do moralista de barriga cheia e de vida ganha que, ao ouvir a justificativa de que, “afinal, estavam só jogando um pouquinho”, respondeu: “Pior ainda, porque é uma cobiça pequena”. Como se a cobiça pequena e a cobiça enorme não fossem dar na mesma. É uma questão proporcional. O que para um Rothschild é pouco, ora, para mim é uma fortuna, e se o assunto são lucros e vanta-